

DISPONIBILIDADE

ABÍLIO DIAS FERNANDES*

Disponibilidade. É a palavra que melhor reflecte e resume tudo aquilo em que penso quando penso no Luís Sá. Esta associação surge como extremamente abrangente e afigura-se-me difícil reflecti-la no texto que me é pedido, difícil explicá-la nas palavras, transpô-la de forma perceptível para o universo limitado das palavras. Mas é a única maneira de tentar uma vitória, ainda que parcial, sobre o inexorável fatalismo, sobre a impotência que sentimos brutal pelo seu irremediável desaparecimento. E consolo-me, pensando que o Luís Sá era um homem de palavras. E de acção, mas de uma acção que conjugava perfeita com o verbo, de uma acção que baseava e consubstanciava na palavra.

Em primeiro lugar, porque a mais observável, uma disponibilidade física, própria apenas de quem vive o trabalho com paixão e entusiasmo que, aliás, transmitia e partilhava com quantos convivia. Luís Sá nunca se furtou a participar, a múltiplos níveis, numa actividade política militante extremamente exigente e que soube conjugar com um brilhante trabalho académico, de ensino e investigação. Para ele, tudo era importante. Por isso, depois de horas de um denso debate parlamentar, não se furtava a conduzir centenas de quilómetros, para numa remota localidade, participar numa reunião partidária, onde privilegiava o saber ouvir, mas onde também não se furtava a contribuir com a sua opinião, lúcida e fundamentada. O que lhe permitiu o ritmo alucinante de trabalho pelo qual optou e que desenvolvia com uma facilidade espantosamente natural, foi a relação que estabelecia com os seus colaboradores, mesmo com os mais jovens e inexperientes, aos quais sabia transmitir a confiança que neles depositava.

A absorvente agenda que lhe marcava os dias e as noites não lhe retirou disponibilidade para as relações pessoais,

que cultivou sem fronteiras e atrofiantes preconceitos, separando-as claramente da intervenção e debate político, nunca permitindo a confrangedora interferência destas importantes facetas da sua vida. E todos os que o conheceram, certamente reconhecerão a inteligência e o sentido de humor com que temperava um convívio prazenteiro e multifacetado.

A intervenção política de Luís Sá ficará indissociavelmente ligada ao nascimento e posterior afirmação do poder local democrático, área em que o Partido Comunista Português tem tido um significativo e reconhecido papel, como força política maioritária em vastas zonas do território nacional, ou participando em minoria em múltiplas autarquias. No quadro da FEPU, da APU e, mais recentemente, da CDU, o PCP imprimiu ao trabalho nas autarquias locais uma dinâmica criativa e participada que permitiu a sua afirmação como força de referência, pioneira e incontornável, no panorama político nacional. Como autarca, teve oportunidade de testemunhar a permanente disponibilidade do Luís Sá para uma incessante procura de soluções novas numa sociedade em permanente mutação, com uma postura de recusa do dogmatismo e permanente afirmação dos valores e princípios essenciais.

O princípio da colegialidade nos órgãos executivos autárquicos e a participação dos cidadãos e das instituições na vida pública, tiveram em Luís Sá um vigoroso defensor, enformando toda a legislação portuguesa a seguir ao 25 de Abril, incluindo a Constituição da República; até aos últimos momentos da sua curta vida, defendeu estes princípios, como o podem testemunhar os autarcas da sua esfera política. Nos últimos anos têm-se verificado alterações na legislação de base do poder local democrático num sentido de menor colegialidade e maior presidencialismo. Infelizmente, não podemos contar já com o Luís Sá para o combate — aberto e franco, como sempre o fez — contra as pretendidas alterações que ameaçam reduzir a democraticidade que constitui a composição plural e proporcional das Câmaras Municipais, com a introdução do monopartidarismo.

É comum associar a inegável crise dos sistemas democráticos representativos à crescente falta de credibilidade da chamada “classe política”; usa-se e abusa-se desta expressão, de duvidoso rigor sociológico, como saco em que se despejam todas as maleitas da democracia, todas as causas do amorfismo sócio-político que cresce nas modernas sociedades dos países desenvolvidos. É uma posição bem mais fácil — e politicamente mais cómoda — do que procurar as razões para este fenómeno na ausência dos mecanismos de participação para além do acto eleitoral ou na aparente falta de alternativas políticas de fundo que os rotativismos bipolarizadores cultivam. Luís Sá pôs a nu este tipo de discurso, sem cair na tentação fácil e demagoga de um qualquer receituário superficial. Com uma análise esforçada e rigorosa, produziu uma leitura dos mecanismos do poder e dos espaços onde este se exerce, indispensável a uma esquerda que, para

ser viável, não se pode limitar a ser a consciência crítica desse mesmo poder, antes deve ousar o seu exercício, numa permanente procura da sua maior democraticidade. O que é equivalente a dizermos, numa incessante procura de maior e mais qualificada participação.

Intelectual e académico, conquistou o respeito e a admiração num partido de operários; num partido revolucionário, contribuiu como ninguém para balizar e valorizar uma intervenção institucional transformadora e progressista; comunista, afirmou-se, face a todos os que o conheceram, pelo trabalho, honestidade e competência, insígnia e objectivo da intervenção autárquica do PCP. "Temos de falar", dizia-nos ele com frequência. E nós responderíamos sinceramente: "É sempre um prazer, camarada."

Nota

- Presidente da Câmara Municipal de Évora.